

## DEUS EM ECLESIASTES

## GOD IN ECCLESIASTES

José Carlos Camillo Castro Neto<sup>1</sup>

Jônatas de Mattos Leal<sup>2</sup>

### RESUMO

O livro de Eclesiastes é uma crítica à sabedoria hebraica tradicional, sendo que uma das críticas levantadas por este livro é sobre Deus: seria Deus um ser arbitrário no meio da falta de sentido da vida? Este é um questionamento que este trabalho faz ao analisar o papel de Deus nesse livro sapiencial. O que se observa ao estudar a pessoa e o papel de Deus em Eclesiastes é sua aparente distância em relação ao ser humano e sua importância para encontrar algum sentido para a vida. Preocupou-se em analisar exegeticamente os textos que se referem direta ou indiretamente ao papel de Deus no livro estudado.

**Palavras-chave:** Eclesiastes, Teologia do Antigo Testamento, Literatura Sapiencial.

### ABSTRACT

The book of Ecclesiastes is a critique of traditional Jewish wisdom, considering that one of the criticisms raised by this book is about God: would God be an arbitrary being in the middle of the meaninglessness of life? This is a question this paper aims to answer analyzing the role of God in this book. What this paper observed by studying the person and the role of God in Ecclesiastes is its apparent distance from the human being and its importance to find some meaning to life. To do so, this work was concerned to analyze exegetically the texts referred directly or indirectly to the role of God in the study book.

**Keywords:** Ecclesiastes, Old Testament Theology, Wisdom Literature.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Adventista da Bahia (SALT-IAENE). Capelão e professor de Religião no Colégio Adventista do CPA. Email: josecarloscamillo@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Professor de Línguas Bíblicas e Antigo Testamento no SALT-IAENE. Email: leal.jonatas@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal examinar o modo como Eclesiastes, ou Qohelet, descreve a Deus. Este tema de estudo é importante porque os documentos do Antigo Testamento (AT) são reveladores da fé do povo de Israel no período anterior a Cristo e essa fé de maneira alguma está desvinculada de seu Deus. Sendo esse livro de caráter tão debatido e com um tom tão amargo, descobrir a teologia<sup>3</sup> de Eclesiastes nos ajudaria a entender melhor a fé de Israel no AT, a compreender melhor o livro em si e a termos uma visão espiritual da vida, como o livro ensina.

Para alcançar nosso objetivo, iremos analisar o modo como Deus é apresentado no corpo do livro (1:2-12:8). Logo em seguida, analisaremos a maneira como Deus é descrito no epílogo. Por fim, procuraremos relacionar ambas as posições (corpo e epílogo) e também, relacionar a teologia de Eclesiastes com a teologia do restante do AT. Chegaremos à conclusão de que Qohelet apresenta duas visões sobre Deus: uma empírica (baseada no que o sábio podia perceber) e uma da fé (baseada no que o sábio confiava). Desse modo, esse livro sapiencial admite que é difícil entender o modo que Deus age, mas prega a confiança de que há um juízo que resolverá nossos problemas e esclarecerá o agir de Deus.

### DEUS INCOMPREENSÍVEL: A TEOLOGIA DO CORPO DO LIVRO (1:2-12:8)

A primeira ideia importante que Qohelet tem de Deus é que Ele é um ser distante, insondável e, aparentemente, arbitrário. Uma das evidências de que Qohelet vê a Deus como distante e insondável é o próprio nome que ele lhe dá. Deus é chamado, no livro de Eclesiastes, principalmente<sup>4</sup>, de אֱלֹהִים, e nenhum

---

<sup>3</sup> Quando se fala de teologia de um livro bíblico, pode-se referir aos temas teológicos tratados nele ou à sua maneira de ver e apresentar Deus. Vamos usar neste trabalho apenas o segundo significado.

<sup>4</sup> Dois outros títulos prováveis de Deus aparecem no livro de Eclesiastes: Criador (12:1) e Pastor (12:11).

nome próprio Ihe é atribuído<sup>5</sup>. É interessante notar que יהוה, o nome divino, que caracteriza o Deus da Aliança, o Deus que se relaciona com seu povo (MOSKALA, 2011, p. 46), não é usado para se referir a Deus em nenhum lugar do livro. Ao contrário, aparece apenas אלהים, que, segundo Moskala (2011, p. 46), “[...] refere-se a um Deus transcendente, poderoso, soberano e universal de toda humanidade.”<sup>6</sup>

O fato de que Deus é visto por Qohelet como um Deus distante e insondável é evidenciado, também pela forma que ele estrutura seu livro. A estrutura desse livro enigmático tem sido proposta por diferentes pessoas, mas a proposta de Wright (1968) parece ser a melhor documentada e aparenta surgir do próprio texto<sup>7</sup>. Por isso, vamos utilizá-la neste trabalho.

Wright (1968, p. 321-322) mostra como a expressão “e eis que tudo é vaidade e correr atrás do vento” (heb. וְהִנֵּה הַכֹּל הַבָּל וְרַעוּת רִוַח) é um marcador para final de seções e termina em Eclesiastes (6:9). Essa primeira

---

<sup>5</sup> Para que o leitor não pense que אלהים é qualquer Deus, Qohelet usa, preferencialmente, esse substantivo com o artigo, para definir, provavelmente, que ele está falando de um Deus específico. De fato, Qohelet é o escritor bíblico que mais utiliza, proporcionalmente, o substantivo אלהים com o artigo. Das quarenta vezes que ele faz uso desse substantivo, em trinta (ou seja, 75%) este é articular. O uso desse título divino, assim, mostra de certo modo a distância, diferença e separação, entre Deus e o homem, pois é um nome impessoal. Além disso, mostra a universalidade do Deus de Qohelet. Este não escreve seu livro para um povo específico, seu pensamento abrange toda a vida humana em qualquer época e em qualquer lugar (EATON; CARR, 1989, p. 37).

<sup>6</sup> Pode-se perceber uma influência egípcia no modo de fazer sabedoria em Eclesiastes, como muitos autores mostram. Desse modo, o fato de Qohelet usar apenas o substantivo “Deus” sem atribuir a ele um nome próprio remete à cultura egípcia de, em textos sapienciais, não usar nome de Deus nenhum, mas apenas atribuir a ele o substantivo genérico “Deus” (SCHIMDT, 2004, p. 121). Isso não indica uma influência egípcia no conteúdo, mas na forma. Também não nega o fato de que foi uma escolha de Qohelet, provavelmente por motivos teológicos, o modo de chamar Deus em seu livro, já que no livro de Jó, que também apresenta influência egípcia, aparece o tetragrama sagrado.

<sup>7</sup> Percebe-se que há uma dificuldade dos teóricos para encontrar uma linha de raciocínio inquebrável no livro de Eclesiastes, o que resulta numa dificuldade em encontrar sua estrutura. Cada comentário bíblico pesquisado para este trabalho defende uma estrutura diferente. Mas Wright (1968) apresenta bons argumentos para sua própria estrutura. O primeiro argumento é o uso de expressões que servem como marcadores de finais de seção. Além disso, essas expressões-marcoadores dividem o texto em seções lógicas, portanto são válidas. O segundo argumento é numérico. Wright (1980) mostra que, assim como acontece com Provérbios, o livro de Eclesiastes foi organizado de maneira matemática. O livro tem 222 versos e a metade deles ocorre exatamente em 6:9-10, como a teoria de Wright mostrava. Ainda, a primeira parte do livro (2:1-6:9) contém 93 versos assim como a segunda (6:10-11:6). Outros argumentos numéricos foram mostrados pelo autor. Dillard e Longman III (2005, p. 240) discordam dessa proposta de estrutura, mas encontramos outros autores, como Murphy (1992, p. 39) que concordam com o estudo feito por Wright.

parte do livro, que se divide em seis seções, tendo duas introduções, trata da vaidade da vida. Em especial, toca nos assuntos da procura pelo prazer, sabedoria e loucura e os frutos do trabalho. Uma das seis seções da primeira parte do livro é dedicada à busca pelo prazer (2:1-11), outra é dedicada à sabedoria e loucura (2:12-17) e as outras quatro tratam detalhadamente da vaidade do trabalho e da única coisa que se pode usufruir: seus frutos (2:18-26; 3:1-4:6; 4:7-16; 4:17-6:9) (WRIGHT, 1968, p. 321-322).

A razão para tal vaidade é apresentada na segunda parte do livro, que se propõe a responder às questões propostas em 6:10-12. Os capítulos 7-8 afirmam que o homem  $\text{לֹא יוֹכִיל לְמַצְפֵּן}$  (pt. não pode alcançar). Em outras palavras, Qohelet pergunta em 6.10-12 quem pode saber o que virá acontecer ao homem e ele mesmo responde nos textos seguintes que ninguém pode alcançar esse conhecimento. O trecho de 9:1-11:6 afirma que  $\text{אֵין יוֹדֵעַ מִיּוֹם אֶת מָחָר}$  (pt. não há quem conheça – não há conhecedor). Assim, a segunda parte do livro trata da falta de conhecimento do homem das obras de Deus e é isso que torna tudo vaidade.

Os padrões sugerem que o livro está dividido em duas partes principais (1:12-6:9; 6:10-11:6) e o pensamento também é dividido assim: na primeira parte Qohelet está preocupado com a vaidade de vários empreendimentos humanos, e na segunda parte, com a inabilidade do homem para entender a obra de Deus. (WRIGHT, 1968, p. 324).<sup>8</sup>

Compreendendo isso, percebemos que o tom cético e ácido que se vê especialmente na primeira parte do livro de Eclesiastes ocorre porque o homem não pode compreender às obras de Deus. Como afirma Wright (1968, p. 334, grifos do autor): “A ideia da impossibilidade de entender o que Deus tem feito (que sempre foi vista como *um* tema) é, na realidade, o tema, e ele é construído na proeminente ideia de vaidade na primeira parte do livro”<sup>9</sup>. Desse

---

<sup>8</sup> Original em inglês: “The patterns suggest that the book is divided into two main parts (1,12-6,9;6,10-11,6) and the thought is also thus divided: in the first part Qoheleth is concerned with the vanity of various human endeavors, and in the second part with man's inability to understand the work of God.”.

<sup>9</sup> Original em inglês: “The idea of the impossibility of understanding what God has done (which was always seen as a theme) is in reality the theme, and it is built on the vanity motif prominent in the first part of the book”.

modo, podemos entender que a estrutura de *Eclesiastes* aponta para o fato de que Qohelet vê a Deus como insondável. Um Deus transcendente que atua na história humana de maneira incompreensível. A seguir, analisaremos mais detalhadamente alguns textos em que essa ideia se faz presente.

## A INSONDABILIDADE DE DEUS

Uma primeira linha de textos mostra a insondabilidade de Deus ou, como Pinto (2006, p. 561) diz: “a inescrutabilidade de Deus”. São quatro textos que trazem a ideia de inescrutabilidade divina: 3.11, 8.17, 9.1 e 11.5. O primeiro desses textos é o mais problemático. *Eclesiastes* 3.11 é chamado por Murphy (1992, p. 34) de *crux interpretum*. Mas a parte mais complicada não nos interessa agora<sup>10</sup>, que é a primeira parte. O que interessa a essa parte do estudo é a última parte do verso.

O v. 3.11b diz: “para que não alcance o homem a obra que faz Deus do princípio até o fim.”<sup>11</sup>. Uma coisa se destaca nessa passagem: o homem não é capaz de alcançar a obra de Deus. Mas que obra é essa? מְעִשָּׂה (obra), especialmente em poesia, quando usada como adjunto adnominal (construto) de Deus, refere-se ao governo (com objetivo de salvar) divino sobre o mundo (BOTTERWECK; RINGGREN; FABRY, v. 11, 2001, p. 399-401). Desse modo, Qohelet quer dizer que o homem não consegue perceber que Deus está conduzindo sua vida e por isso se aflige<sup>12</sup>.

Alguns autores são enfáticos ao falarem da impossibilidade de conhecimento divino por parte do ser humano, como Crenshaw (1987, p. 98),

---

<sup>10</sup> A parte que tem arrancado cabelos de intérpretes é o entendimento da palavra “eternidade”. Para um estudo mais detalhado, ver Leal e Castro Neto (2016).

<sup>11</sup> מְבִלִי אֲשֶׁר לֹא יִמְצָא הָאָדָם אֶת־הַמְעִשָּׂה אֲשֶׁר־עָשָׂה הָאֱלֹהִים מֵרֵאשִׁית וְעַד־סוֹף: A expressão מְבִלִי אֲשֶׁר לֹא (lit. sem que não) é de difícil tradução pois, como afirma Murphy (1992, p. 30), ela só é encontrada aqui em toda a literatura hebraica dos tempos bíblicos. Uma proposta que nós sugerimos e iremos seguir nesta análise é a usada na LXX, que traduz a expressão inteira por ὅπως (para que), indicando finalidade.

<sup>12</sup> É interessante que esse texto faz referência à criação (Deus fez – 3.11a) e temos um paralelo interessante aqui: no relato das origens, o homem quis comer da árvore do conhecimento e o que veio a conhecer foi sua própria nudez (KRÜGER, 2004, p. 87). Da mesma forma, o texto mostra a incapacidade humana de conhecer a forma divina de trabalhar: nada do que fazemos nos levará a esse conhecimento.

que afirma: “Qohelet observa que os humanos não podem, na verdade, compreender nada pertinente à atividade divina”<sup>13</sup>. Outro texto que trata desse assunto em Eclesiastes é 8.17<sup>14</sup>, o qual complementa o que acabamos de dizer: todos os esforços humanos são ineficazes para o entendimento da vontade e atuação divina. Uma nota interessante é sugerida por Crenshaw (1987, p. 157) de que toda obra que se faz debaixo do sol é obra de Deus. Mas isso será estudado adiante.

Ainda outro texto que fala da inescrutabilidade divina é 9.1<sup>15</sup>. É outro texto de difícil interpretação, especialmente na parte que nos interessa neste estudo, que é a parte final. A pergunta que nos aparece é: esse amor e ódio tem Deus como sujeito? A maioria dos comentaristas parece concordar que sim<sup>16</sup>. Porém, Krüger (2004, p. 168) e Líndez (1999, p. 350) afirmam que, provavelmente, esse amor e ódio seriam, na verdade, consequências das ações dos sábios e justos mencionados anteriormente. A ambiguidade surge do sufixo pronominal em לְפָנֵיהֶם (diante deles). A quem eles se referem? Se estão se referindo ao homem (הָאָדָם), então o desconhecimento do “amor e ódio” se refere às consequências de suas ações. Mas se estão se referindo ao “amor e ódio”, então a maior probabilidade é estarem se referindo ao amor e ódio de Deus.

A gramática permite ambas<sup>17</sup>. A solução parece estar na proposta de Líndez (1999, p. 350): a ideia de Qohelet, como na maior parte de seu livro, é

---

<sup>13</sup> Original em inglês: “Qohelet observes that humans cannot really comprehend anything pertaining to divine activity”.

<sup>14</sup> וְרָאִיתִי אֶת-כָּל-מַעֲשֵׂה הָאֱלֹהִים כִּי לֹא יוּכַל הָאָדָם לְמַצּוֹא אֶת-הַמַּעֲשֵׂה אֲשֶׁר נַעֲשֶׂה תַּחַת-הַשָּׁמַיִם בְּשׁוֹל אֲשֶׁר יַעֲמַל / Tradução: E vi toda a obra de Deus, pois não pode o homem alcançar a obra que é feita debaixo do sol, mesmo que se canse o homem para encontrá-la, não alcançará, e também se disser o sábio para conhecê-la, não poderá alcançar.

<sup>15</sup> כִּי אֶת-כָּל-זֶה נָתַתִּי אֶל-לְבִי וְלִבּוֹר אֶת-כָּל-זֶה אֲשֶׁר הִצְדִּיקִים וְהַיְשָׁרִים וְעַבְדֵי הֵם בְּיַד: הָאֱלֹהִים גַּם-אֶהְבֶּה גַם-שִׂנְאָה אֵין יוֹדַע הָאָדָם הַכֹּל לְפָנֵיהֶם / Tradução: De fato, tudo isto pus em meu coração para esclarecer tudo isto: que os justos e os sábios e suas obras estão na mão de Deus. Quer amor, quer ódio não há homem que conheça; tudo está diante deles.

<sup>16</sup> Os comentaristas que concordam que Deus é o sujeito do amor e do ódio são, entre outros: Crenshaw (1987, p. 159); Longman III (1998, p. 227); Murphy (1992, p. 91); Whybray (1989, p. 140).

<sup>17</sup> Waltke e O'Connor (2006, p. 303) afirmam que “[...] sufixos plurais podem ser usados depois de coletivos singulares.”. Isso permite que o sufixo plural que aparece na palavra esteja se referindo ao substantivo singular (homem), pois ele está se referindo ao coletivo (humanidade).

questionar a sabedoria tradicional (assim como Jó) da retribuição, seja divina seja natural. Em outras palavras, não é porque fazemos coisas boas que iremos recebê-las de volta, o homem não tem garantia de nada. A segunda posição, portanto, é a mais provável. As ações de Deus, dessa maneira, não apenas parecem ser, mas de fato são incompreensíveis, como nos revela o livro de Jó.

O último texto que fala da insondabilidade de Deus é 11.5<sup>18</sup>, que mostra como as ações de Deus são imprevisíveis e desconhecidas e o autor usa um símile de duas coisas desconhecidas na época: o percurso do vento e a formação do bebê no útero de uma mulher. Deus é visto, assim, como totalmente insondável.

## A APARENTE ARBITRARIEDADE DIVINA

Qohelet apresenta a Deus como o ser que está no controle de tudo, o que fica evidente em várias passagens do livro. Um grupo dessas passagens apresenta Deus “dando” (נתן). É interessante que Deus é sujeito do verbo נתן (dar) em Eclesiastes doze vezes. Essa é a ação divina mais comum em Eclesiastes. E o que isso nos ensina? Stefanovic (2007, p. 47) afirma que esse verbo pode indicar que Deus tem pleno controle sobre as ações da história humana. Esse parece ser o caso: é Deus quem dá o trabalho (1:13; 2.26; 3.10), a sabedoria, o conhecimento e o prazer (2.26; 12.11), como também a ignorância (3.11), a vida (5.17/18<sup>19</sup>; 8.15; 9.9; 12.7) e riquezas (5.18/19; 6.2). Em outras palavras, Deus está no controle desses eventos e características humanas: trabalho, sabedoria, ignorância, vida e riquezas.

Outros dois textos, já explanados anteriormente neste estudo, evidenciam isso: 8.17 e 9.1. Em 8.17, nós mencionamos a sugestão de

---

<sup>18</sup> כַּאֲשֶׁר אֵינְךָ יוֹדֵעַ מֵהַדָּרֶךְ הַרְוִיחַ כַּעֲצָמִים בְּבֶטֶן הַמְּלֵאָה כִּכְהָ לֹא תִדַּע אֶת־מַעֲשֵׂה הַאֱלֹהִים אֲשֶׁר יַעֲשֶׂה אֶת־הַקֵּל: / Tradução: Como não há para ti conhecedor de qual é o caminho do vento, ou como os ossos no útero se completam, assim não conheces a obra de Deus, que faz tudo.

<sup>19</sup> 3.17 na BHS e 3.18 na tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada (ARA). Quando a versificação da ARA diferir da versificação da BHS, nós apresentaremos as duas opções separadas por barras. A primeira será sempre BHS, enquanto a segunda será sempre ARA.

Crenshaw (1987, p. 157) de que, observando o paralelismo do verso, percebe-se que a obra que se faz debaixo do sol é a obra de Deus. Em outras palavras, é Deus quem realiza as coisas debaixo do sol, o que evidencia um controle sobre o nosso mundo. E 9.1 afirma que tudo dos justos e sábios está nas mãos de Deus. Stefanovic (2007, p. 47) afirma que a palavra mão no AT é muitas vezes figurativa para poder e autoridade. Desse modo, o texto quer dizer que os justos e os sábios estão sob a autoridade divina<sup>20</sup>.

Para entendermos esse controle divino, devemos ter em mente a intertextualidade que Qohelet faz com o livro de Gênesis, especialmente Gn 4 (ANTIC, 2006, p. 203-211). Antic (2006, p. 203-211) faz um estudo de como Qohelet se baseia em Gn 1-4 para mostrar a vaidade da vida. Desse modo, percebemos primeiro que Deus é criador, por isso ele tem autoridade sobre suas criaturas, e depois que o pecado fez o processo inverso do trabalho divino: destruir sua criação. É apenas com o pecado que a vida se torna vã, como afirma Aguiar (2014, p. 47)<sup>21</sup>. Mas Deus, mesmo em meio ao pecado, ainda assume o controle da história humana (Deus julga Caim, pois suas “aquisições” são vaidade). Mesmo assim, coisas inesperadas acontecem (a morte de Abel – a vaidade da vida). Mas Deus dá um substituto: Sete.

Essa intertextualidade com Gênesis, portanto, nos ensina que o foco do controle de Deus no mundo é seu julgamento<sup>22</sup>, o qual pode ir além do período da vida. Esse será o foco da segunda parte de nosso estudo. Desse modo, a aparente “arbitrariedade” de Deus está mais relacionada com a incompreensão que temos em relação a Ele e suas obras do que com uma predestinação d’Ele para conosco.

---

<sup>20</sup> Zuck (2009, p. 322) vê nisso uma soberania extrema, como predestinação divina, a soberania divina em detrimento da liberdade humana. Porém, Líndez (1999, p. 30) afirma que: “[...] em Qohélet observamos algumas precisões muito atinadas, que deixam muito claro tanto a liberdade de Deus em suas atuações como a do homem ao se dobrar às disposições divinas. Deus é soberano no exercício de seu governo (cf. 3,14; 7,13; 9,1); mas isso não faz periclitar a liberdade do homem que Qohélet supõe em muitas passagens (cf 3,16-17; 4,17-5,6; 7,29).”

<sup>21</sup> Falando da intertextualidade de Eclesiastes com Gênesis, Aguiar (2014, p. 46-47) mostra como a afirmação de Ec 1.3 (com que se afadiga debaixo do sol) remete a Gênesis 3.17. Desse modo, o livro de Eclesiastes vê a vida após o pecado. Um outro texto que deixa esse assunto mais claro é Ec 7.29, o qual mostra Deus criando o homem perfeito, mas ele acaba estragando tudo.

<sup>22</sup> Assim como em Gênesis, no juízo sobre Caim, o livro de Eclesiastes traz a justiça e o juízo divino como base para suas ações, como veremos na próxima parte do trabalho.



Essa visão de Qohelet está bem relacionada com o que podemos observar da vida. Pondé (2010, p. 111-125) afirma que a vida não tem sentido porque há injustiças no mundo. Essa injustiça, segundo ele, decorre do fato de que parecemos viver governados por um destino, em que o que acontece conosco não está baseado exatamente naquilo que fazemos. E o pior é que esse destino (a aparente arbitrariedade da qual Qohelet fala) parece ser totalmente sem sentido. Parafrazeando o filósofo Lucrécio, Pondé (2010, p. 120-121) afirma que a natureza das coisas é não ter natureza alguma. Sendo assim, não há sentido no mundo quando o observamos e por isso sofremos: “Não sofremos apenas com o acaso em si, mas com a relação afetiva que temos com ele: temos medo da violência cega que ele implica ao anular todo o valor de nossa agonia em busca de um mundo suficiente”. Por isso, ele pode dizer que “Nunca seremos plenamente realizados em nada”.

Nesta primeira parte, vimos que Deus é insondável e isso o faz parecer arbitrário, mas apenas evidência nossa ignorância. O desconhecimento humano das ações divinas e sua aparente arbitrariedade tornam a vida sem sentido algum: tornam-na vaidade. Mas, a seguir, veremos que o livro de Qohelet não termina assim, tão sem sentido e arbitrário: há um sentido na vida.

### **DEUS ATUANTE: A TEOLOGIA DO EPÍLOGO (12:9-14)**

Talvez a parte que mais cause divergência entre os comentaristas de Eclesiastes é o epílogo (12.9-14). A grande maioria considera o epílogo

como sendo obra de um editor posterior<sup>23</sup>, mas a divergência em relação ao epílogo aumenta quando tentamos entender seu papel diante de todo o livro<sup>24</sup>.

Diante de tanta divergência, a visão que vamos adotar aqui é a de Shead (1997, p. 67-91). Shead (1997, p. 117-139) afirma que o epílogo é chave interpretativa do livro. Dillard e Longman III (2005, p. 243) concordam com ele ao afirmar que: “Para entender Eclesiastes, portanto, é necessária a leitura muito atenta do epílogo”. Nós exporemos cinco argumentos com os quais mostraremos que o epílogo não só está em sintonia com o restante do livro, como ele também é uma conclusão apropriada e pode nos ajudar a entender o restante do livro.

O primeiro argumento tem a ver com a estrutura do livro. Já mostramos que a ideia de Wright (1968, p. 313-334) parece ser nossa melhor opção. Em outro artigo, o mesmo autor (1980, p. 38-51) mostra argumentos numéricos para sua teoria. O livro inteiro de Eclesiastes possui 222 versos, a metade disso, 111, terminaria exatamente onde termina a primeira seção do livro (6:9) e a segunda metade começa onde começa a segunda seção do livro (6:10). Para que essa unidade numérica permaneça, o epílogo deve continuar onde está: fazendo parte do livro, pois só com ele é que a contagem faz sentido. Isso

---

<sup>23</sup> A argumentação de cada teólogo é variada. Barton (1980, p. 44) crê que a mudança de pessoa no v. 8 com os vv. precedentes e do v. 8 com os seguintes é o indicativo do trabalho de um editor. Scott (1965, p. 256) afirma que a expressão “diz o Pregador” (1.2 e 12.8) forma o livro principal, o restante se torna acréscimo. Krüger (2004, p. 208), por sua vez, afirma que essa divisão aparenta duas pessoas inserindo conteúdo no livro, mas não exclui a possibilidade de se tratar de apenas uma pessoa que inseriu dois tipos de conteúdo no livro. Crenshaw (1987, p. 189) e Líndez (1999, p. 413) creem haver dois epílogos, obra de dois epilogistas. Fox (1977, p. 83-106) argumenta, seguido por Krüger (2004, p. 208), que não se trata de edições e nem de adições, mas do trabalho de um mesmo autor que pretendeu colocar duas vozes no livro, como um autor que quer apresentar os dois lados de uma mesma moeda.

<sup>24</sup> Scott (1965, p. 256) afirma que o epílogo tenta amenizar as divisões dentro do próprio texto de Eclesiastes. Crenshaw (1987, p. 190) crê que o segundo epílogo (12.12-14) é “um desmerecedor que pensa dos ensinamentos de Qohelet como inadequados e, talvez, perversos”<sup>24</sup>. Krüger (2004, p. 208) pensa que, provavelmente, o epílogo trata-se de uma ironia do próprio autor de Eclesiastes. Líndez (1999, p. 420) vê o segundo epílogo como as exposições da crença desse segundo epilogista, não necessariamente concordando com o restante do livro. Longman III (1998, p. 274) afirma que o epílogo concorda em parte com o restante do livro e critica outras partes. Whybray (1989, p. 169), por sua vez, diz que o primeiro epílogo (12.9-11) conclui a obra de Qohelet sem críticas, enquanto o segundo apresenta aquilo que o epilogista acredita ser mais importante que o restante do livro: temer a Deus e guardar seus mandamentos. Shields (1999, p. 117-139) afirma que o epílogo serve como confirmação das observações de Qohelet e, conseqüentemente, como uma crítica à sabedoria em si.

ajuda a mostrar que o epílogo foi premeditado para fazer parte do livro e este foi premeditado para ter esse epílogo.

O segundo argumento para o uso do epílogo como ferramenta para uma correta interpretação do restante do livro se relaciona com as próprias bases da hermenêutica. Sem dúvida há uma inclusão (*inclusio*) entre Ec 1.2 e 12.8. Por isso, muitos como Shields (1999, p. 123) afirmam que o epílogo é uma adição posterior à obra e, provavelmente, em nada relacionada com ela. Porém, Stuart (2008, p. 40) afirma que, quando há singularidades (e quase sempre há) em questões de estilo e forma, o que aparece diferente deve ser destacado, pois o autor quis dar maior importância. Essa ideia é nossa visão sobre a unidade do livro, as partes que parecem fugir à estrutura comum são as que merecem maior atenção na exegese. O epílogo, no caso do livro de Eclesiastes, é uma dessas partes que merecem atenção na exegese, pois foge a uma estrutura básica do livro: a inclusão de 1.2-12.8.

O terceiro argumento é resultante da exegese do próprio epílogo e é apresentada por Shead (1997, p. 70) que afirma que a expressão סוף דבר – traduzido em Bíblia (1993, p. 703) como “suma de tudo”; lit. fim da palavra/coisa – indica que a conclusão de tudo o que foi de dito antes leva ao que será dito a seguir. Portanto, essas palavras transmitem que realmente o epílogo é um grande auxílio para o entendimento de Eclesiastes, mas aqui aparecem muitas controvérsias<sup>25</sup>.

O quarto argumento tem a ver com a terminologia. As palavras que Qohélet usa no epílogo são 74, destas, 58 aparecem no restante do livro, o que pode ser pouco em relação ao total de palavras, que são 2997, o que

---

<sup>25</sup> A crítica mais direta ao trabalho de Shead (1997) é a de Shields (1999). Shields (1999, p. 123), ao contrário de Shead, diz que a palavra (סוף דבר) não remete ao restante inteiro do livro, pois o livro inteiro, segundo ele, não pode ser resumido apenas na afirmação “Teme a Deus e guarda seus mandamentos”. Ainda segundo ele, סוף דבר está se referindo não a um resumo, mas como literalmente o texto diz: a última palavra (ou coisa). Krüger (2004, p. 212), por outro lado, afirma que essa expressão “סוף דבר” faz uma referência não ao próprio livro, mas a outros livros. Para Líndez (1999, p. 419), essa expressão significa mesmo conclusão, não do livro todo como podemos ser levados a pensar, mas apenas do próprio epílogo. Para Whybray (1989, p. 173), por sua vez, essa expressão significa a conclusão do livro como um todo. Doukhan (2006, p. 125) acredita que essa expressão indica uma conclusão não só Eclesiastes, mas de tudo o que se pode dizer sobre a vida. Dessa forma, para resolvermos essa disparidade de opiniões, devemos analisar a relação do epílogo com o restante do livro, para sabermos se ele é mesmo um resumo do livro. Para isso, vamos ao quarto argumento.

representariam 1,9%. Porém, as palavras que aparecem em ambas as partes do livro se repetem com tamanha intensidade que ocupariam 29,5% do total de palavras do livro. As 15 palavras que não se repetem no livro aparecem pouquíssimas vezes no AT, o que mostra uma seleção importante feita por Qohélet para finalizar o livro (SHEAD, 1997, p. 72-73).

O último argumento também tem a ver com a terminologia, mas não na quantidade de uso, como o quarto argumento, mas na qualidade dos termos. O autor do livro tinha o costume de usar palavras incomuns ao restante do AT para determinar seu pensamento, as quais são “favoritas”, pois ajudam a manter a organização e a unidade da obra. Qohélet as repete no epílogo para mostrar uma unidade de ideias entre o corpo da obra e a sua conclusão<sup>26</sup>. Segundo Shead (1997, p. 74-75, tradução nossa),

[...] essas palavras de 12.9-14 realizam uma função específica em Eclesiastes: elas forjam links alusivos entre o epílogo e o material anterior que tem o mesmo vocabulário. [...] Em outras palavras o epílogo é particularmente retrospectivo de certas partes do livro e isso sugere que o epílogo está, de algum modo, interagindo com tais passagens, se pelo modo de comentário implícito ou, talvez, alusão por motivo de reiterar a mensagem das seções em questão.<sup>27</sup>

Evidenciando que o epílogo se relaciona com o restante do livro, serão analisadas, a seguir, algumas passagens em que o assunto é semelhante. Um trecho de Eclesiastes que se relaciona muito com 12.13-14 é 3.17-18<sup>28</sup>. Com

---

<sup>26</sup> Shields (1999, p. 123), porém, rebate essa ideia de que o link verbal possa ser usado como base para perceber a relação entre o epílogo e o restante do texto. Segundo ele, “não é suficiente estabelecer a presença de conexão verbal dentro do texto, é necessário estabelecer o significado dessa conexão”<sup>26</sup>. Para satisfazer essa exigência levantada por Shields (1999, p. 123ss) (exigência legítima, diga-se de passagem) de que é preciso estabelecer o significado da conexão verbal, nós examinaremos alguns textos dentro do corpo do livro de Eclesiastes cujo sentido se relaciona especialmente com a segunda parte do epílogo (12.12-14).

<sup>27</sup> Original em inglês: “Therefore these words from 12:9-14 perform a specific function in Eclesiastes: they forge allusive links between the epilogue and earlier material that has the same vocabulary. [...] In other words, the epilogue is particularly reminiscent of certain parts of the book, and this suggests that the epilogue is in some way interacting with such passages, whether by way of implicit commentary, or perhaps allusion for the sake of reiterating the message of the sections in question.”

<sup>28</sup> Este é outro texto de interpretação problemática. Longman III (1998, p. 127-128) acha que, nesta passagem, Qohélet está citando uma afirmação de sua tradição religiosa (Deus julgará o mundo) e questionando-a (pois há um tempo – os versos seguintes mostram que este tempo de juízo nunca chega). Whybray (1989, p. 77-78), por outro lado, não vê uma crítica à tradição religiosa de Qohélet, mas, antes, uma afirmação do desconhecimento de quando o tempo de julgamento chegará. Líndez (1999, p. 239-242) mostra que realmente há um juízo justo de

esse texto, podemos perceber que o tema do juízo e do tempo do juízo (que é desconhecido aos seres humanos) é pertinente ao argumento de Qohelet. Assim, podemos concluir que o epílogo tem realmente relações temáticas com o restante do livro, especialmente com esse verso.

Mas a que tipo de juízo o texto está se referindo? Krüger (2004, p. 91) destacou a possibilidade de que este julgamento seja escatológico, ou após a morte do indivíduo. Isso aflige a vida debaixo do sol, porque não é aqui que as coisas vão ficar bem. Para responder corretamente à pergunta acerca do tipo de juízo, é necessário saber se a expressão “por causa de” (על-דברת)<sup>29</sup> do v. 18 se refere ao v. 17 ou ao v. 16. Se essa expressão se refere ao v. 17, então o juízo é a morte, porque esta no v. 19 é vista como a razão de os homens serem iguais aos animais e no v. 18 afirma-se que é o juízo. Se essa expressão está se referindo ao v. 16, então não é do juízo que está tratando e o juízo significaria, provavelmente, algo escatológico.

A função do marcador frasal “disse eu em meu coração” nos ajudará a resolver esse impasse. Percebe-se nessa pequena perícope (3.15ss) que esse marcador tem a função de conclusão ou comentário do que foi dito anteriormente (no caso, sobre a injustiça que ocorre nesta vida)<sup>30</sup>. Desse modo, a razão (על-דברת) não é o juízo, mas a injustiça. O juízo, desse modo, é algo que acaba com a injustiça, mas, como não o vemos agora (nem mesmo Qohelet o vê), ele deve ser escatológico.

Outra passagem que remete à ideia do epílogo é 11.9. A maioria dos comentaristas crê ser este verso um acréscimo posterior para harmonizar o texto com Nm 15.39. A tradução da Almeida Revista e Atualizada foi um tanto infeliz (“Deus te pedirá contas”). A expressão hebraica é, praticamente, a

---

Deus, que seria a solução para esses problemas todos. De qualquer forma, Ec 3.17-18 não é um acréscimo posterior de um editor. Como afirma Krüger (2004, p. 91), a segunda metade do verso 17 não permite que seja uma edição.

<sup>29</sup> Essa é uma expressão, provavelmente, enfática, já que Waltke e O'Connor (2006, p. 218) afirmam que a preposição על sozinha pode indicar uma causa. E a palavra דברת significa “causa”, “razão”.

<sup>30</sup> Algo que algumas traduções não permitem notar é que a expressão que inicia o v. 17 é exatamente a mesma que inicia o v. 18 (אמרתי אני בלבי), o que indica que ambas são a conclusão ou comentário de uma mesma ideia.

mesma de 12.14<sup>31</sup>. Krüger (2004, p. 197) acha que o julgamento divino é justamente a transitoriedade da vida. O julgamento de Deus aqui, pelo contexto (v. 8-10; 12.1-7), parece ser mesmo a transitoriedade da vida e o próprio envelhecer, mas é preciso lembrar, junto com Eaton e Carr (1989, p. 153-154), que há várias formas de Deus julgar o ser humano.

Assim, com duas passagens, fica evidente que o juízo é um tema pertinente ao pensamento de Qohelet e não acrescentado por um editor epilogista num período posterior. Além dessas duas passagens controversas que apresentamos, Shead (1999, p. 84-86) apresenta o texto de Ec 7.23-8.1 e argumenta que justiça e juízo, além de outros temas apresentados no epílogo, também são apresentados ali. Desse modo, em pelo menos três passagens o tema do juízo, defendido pelo epílogo, aparece no corpo do livro. Mas, além desse tema, temos outros, como o temor do Senhor (12.13), que também aparece no restante do livro (3.14; 5.6; 7.18; 8.12, 13)<sup>32</sup>.

Desse modo, podemos concluir que o epílogo é uma conclusão da obra que nos leva a entendê-la melhor e, já que o epílogo de Eclesiastes nos ajuda a entender esse complexo livro, resta-nos, para o interesse de nosso trabalho, a pergunta: como Deus é apresentado no epílogo? De duas formas: como Doador da sabedoria (12.11) e como Juiz (12.13).

Com relação ao primeiro modo como Deus é apresentado no epílogo, Fox (1977, p. 102) argumenta que Deus não é o pastor representado em Ec 12.11. Para sustentar sua ideia, ele dá dois argumentos: Deus é chamado de pastor no AT apenas com relação à sua atuação como mantenedor e salvador, sendo a função do numeral “um” no final do verso (תָּרַח) de artigo indefinido e não numeral. Porém, iremos discordar dessa visão e concordar com a ideia tradicional de que o pastor apresentado em Ec 12.11 não é “um pastor”, mas “o único Pastor”. Isso porque o primeiro argumento de Fox não é forte: o ato de dar palavras aos sábios indica uma manutenção (Deus como mantenedor) da parte de Deus e justifica o uso da palavra “pastor”. O segundo argumento também é fraco sozinho, pois תָּרַח no final de uma frase também pode indicar

---

<sup>31</sup> וְיָבִיֵאֵךְ עַל-כָּל-אֱלֹהֵי כִי / Tradução: “pois sobre tudo isso virá a ti Deus em juízo”.

<sup>32</sup> Doukhan (2006, p. 125) afirma que “guardar os mandamentos” aqui é uma explicação para o “temor do Senhor”.

um numeral, não necessariamente um artigo indefinido, como se pode ver em Dt 6.4. Além disso, a ideia de Deus doando sabedoria é tema básico dos livros sapienciais (VON RAD, p. 53-73)<sup>33</sup>. Desse modo, podemos ver, neste texto, Deus como doador da sabedoria.

A outra noção de Deus é apresenta-lo como juiz, atestada em 12.13. Porém, que tipo de juiz Deus é? A resposta está no corpo do livro. Um estudo feito por Shead (1997, p. 89) no texto de Eclesiastes 7.23-8.1 mostra que este texto apresenta três níveis de obra:

Em outras palavras, há o nível (1) das aparências, o modo que as coisas parecem para o observador. Depois, há o nível (2) da atividade que nós deveríamos fazer. Nesse nível está o chamado para o regozijo e o comportamento justo. E há o nível (3) da atividade de Deus (הַשְׂמֵחַ);, que está além do nosso entendimento, mas que é, não obstante, em última instância, justa (טוֹטָה).<sup>34</sup>

Com isso, podemos perceber que Deus é um juiz justo e o juízo que trará parece ser a esperança de Qohelet (3.17; 12.13). Essa é uma premissa da literatura sapiencial. Von Rad (1972, p. 202-203) mostra que, diante de situações difíceis, a sabedoria ensinava a confiar que Deus iria atuar e, quando Ele não parecia que iria atuar, a sabedoria ensinava a esperar no Senhor, ou melhor, esperar no Senhor. É o que Qohelet está fazendo aqui: a vida é vaidade, mas devemos confiar ou esperar o juízo de Deus, porque Ele é justo. Comentando sobre a expectativa do juízo no livro de Eclesiastes, Aguiar (2014, p. 43) diz que:

Embora essas palavras possam soar ameaçadoras, em última instância elas revelam a compreensão do Qoheleth de que nem tudo termina aqui. Embora o seu existencialismo também concorde que se deve viver bem o aqui e agora, há uma expectativa de algo promissor saltando do texto.

---

<sup>33</sup> Shields (1999, p. 117-139) contestaria dizendo que Qohelet tenta desconstruir a sabedoria tradicional, o que não é de todo errado, mas não é também de todo certo. Qohelet questiona o valor da sabedoria e sua base (Ec 2.12-17 etc.), mas ele ainda acredita nos valores sapienciais (Ec 7.11, 12, 19 etc.).

<sup>34</sup> No original: "In other words, there is the level (1) of appearances, the way things look to the observer. On this level is vanity and evil. Then there is the level (2) of activity, the way we should live. On this level is the call to enjoyment and right behaviour. And there is the level (3) of God's activity (הַשְׂמֵחַ);, which is beyond our understanding but nevertheless ultimately just (טוֹטָה)".

Assim, o fato de Deus ser apresentado como juiz em Eclesiastes indica que, diante da falta de sentido na vida, há um sentido: o juízo de Deus. Esse juízo de Deus dá sentido à vida porque ele justamente vai resolver e acabar com todas as injustiças. Mas fica uma interrogação: por que duas visões sobre Deus aparentemente tão contrastantes? Nós vimos na primeira seção deste artigo que, para Qohelet, Deus é incompreensível e distante, mas nesta segunda seção o próprio Qohelet o apresenta como atuante e justo. Será que é possível harmonizar essas duas visões que Qohelet dá sobre Deus? Qual foi seu objetivo ao fazer isso? Veremos a seguir.

## **A HARMONIA DAS VISÕES EM QOHELET E A VISÃO BÍBLICA SOBRE DEUS**

A harmonia entre as duas visões aparentemente contrastantes de Qohelet (um Deus distante e insondável e um Deus que atua por meio do juízo) se dá pelo trabalho de Fox (1977, p. 83-106), no qual é evidenciado que o livro de Eclesiastes tem duas vozes, não dois autores<sup>35</sup>. Em outras palavras, Qohelet apresenta duas perspectivas: uma dominada pelo empirismo (o que Qohelet pode ver e experimentar) e a outra dominada pela fé.

Ao terminar um livro profundamente heterodoxo com afirmações ortodoxas, o autor criou uma certa ambiguidade. Ele permitiu ao leitor escolher a qual voz se aproximaria com mais proximidade, a de Qohelet [o corpo do livro] ou a do epílogo. (FOX, 1977, p. 105).

Este texto mostra que era propósito do autor de Eclesiastes colocar duas visões distintas mas, diferentemente de Fox (1977, p. 105), nós percebemos que o epílogo está em harmonia com o restante do livro, primeiro pelas razões citadas anteriormente sobre o relacionamento entre o epílogo e o corpo, depois porque von Rad (1972, p. 83) afirma que as contradições entre a vida e a fé para a literatura sapiencial eram resolvidas com a esperança. Esta, de acordo

---

<sup>35</sup> Fox (1977, p. 83-106) dá exemplos de como isso acontece em outros textos, inclusive exemplos não bíblicos.



com Martin-Achard (2015, p. 234), pode ser após a morte, numa ressurreição seguida de juízo, como ele afirma:

Em conclusão, para o crente a vida não tem nenhum sentido se Yahweh não é justo. Portanto, exigirá que a justiça divina, negada atualmente sem cessar, se realize amanhã, e uma vez que se negue a perder a esperança nela, chegará a proclamar o retorno dos mortos à vida.

Com essa visão sobre Deus, Qohelet concorda com o restante do AT, em especial com os escritos sapienciais, com Daniel (DOUKHAN, 2006, p. 126) e com os escritos legais. Nos escritos sapienciais, particularmente, Jó e os salmos 37, 49 e 73, mostram que há uma injustiça na terra. Em especial, Jó possibilita o entendimento de que essa injustiça se dá pela insondabilidade de Deus (nem no começo nem no final do livro Jó consegue entender o que Deus está fazendo ou permitindo). Os salmos 37, 49 e 73 mostram que Deus irá resolver o problema da injustiça por um juízo definitivo (MARTIN-ACHARD, 2015, p. 176).

O nome Daniel significa “Deus é meu juiz”. Só o título do livro apocalíptico do AT já indica sua relação com Eclesiastes<sup>36</sup>. Porém, o primeiro capítulo além de mostrar Deus conduzindo soberanamente os acontecimentos, mesmo que não pareça também indica também uma relação de ideias com Eclesiastes, que mostra um Deus incompreensível em suas ações (STEFANOVIC, 2007, p. 47). Por último, o capítulo sete de Daniel mostra a injustiça que ocorre com o povo de Deus durante “um tempo, tempos e metade de um tempo” e como isso foi resolvido pelo juízo (SHEA, 2007, p. 147-148).

Schmidt (2004, p. 138-155) mostra como os mandamentos revelam um Deus transcendente (inimaginável e acima de toda a criação – proibição de fazer imagens), mas, ao mesmo tempo, mostram um Deus que atua na história humana (“que te tirou da terra do Egito”). Essa visão aparentemente paradoxal, portanto, de um Deus cujas obras são incompreensíveis, mas que é visto atuando (segundo Eclesiastes, pelo juízo), percorre todo o AT até o livro

---

<sup>36</sup> É interessante notar que Osborne (2009, p. 352) afirma que “o apocaliptismo teve, na sua origem, tanto influência profética quanto sapiencial”. Desse modo, o livro de Daniel está intimamente ligado a Eclesiastes porque este faz parte do *corpus* sapiencial que influenciou o *corpus* apocalíptico, do qual aquele faz parte.

apocalíptico (Daniel). Desse modo, a maneira como Eclesiastes apresenta Deus está em harmonia com o restante do AT.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho procurou analisar o modo como Deus é descrito no livro de Eclesiastes. Vimos que o autor do livro apresenta duas visões aparentemente diferentes e contraditórias. De forma geral, ele apresenta a Deus como distante, incompreensível e insondável, mas dá pistas durante o livro de algo que seria explicitado no epílogo: Deus resolverá os problemas apresentados durante o corpo do livro num juízo. As duas visões são, portanto, complementares.

Primeiro, Qohelet apresenta o problema: a falta de sentido pela aparente arbitrariedade na atuação de Deus nesta Terra. Depois, ele apresenta a solução: Deus trará juízo sobre o que acontece sobre a Terra. Depois de apresentarmos isso mostramos que essa visão de Deus concorda com o restante da visão veterotestamentária sobre seu Deus. Em especial, os livros sapienciais, dos quais Eclesiastes faz parte do corpus, os textos legais do AT e o livro de Daniel têm uma visão muito semelhante sobre a divindade. Em outras palavras, um Deus que tolera a injustiça por um tempo, mas que acabará com ela por meio de um julgamento. Cremos que muito pode ser acrescentado sobre esse tema e outros aspectos da teologia geral de Eclesiastes, como sua doutrina do homem, da morte e outras.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGUIAR, A. T. *O evangelho de Tiago: sabedoria e piedade em favor dos pobres*. Santo André: Academia Cristã, 2014.

ANTIC, R. Cain, Abel, Seth, and the meaning of human life as portrayed in the books of Genesis and Ecclesiastes. *Andrews University Seminary Studies*, Berrien Springs, v. 44, n. 2, p. 203-211, 2006.

BARTON, G. A. *A critical and exegetical commentary on the book of Ecclesiastes*. Edinburgh; T and T, 1980.

BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1993.

BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H. J. (Eds.). *Theological dictionary of the old testament*. v. 11. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, 1999.

CRENSHAW, J. *Ecclesiastes: a commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1987. (The Old Testament Library).

DILLARD, R. B.; LONGMAN III, T. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

DOUKHAN, J. B. *Ecclesiastes: all is vanity*. Nampa: Pacific Press, 2006.

EATON, M. A; CARR, G. L. *Ecclesiastes e Cantares: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1989. (Série Cultura Cristã).

FOX, M. V. Frame-narrative and composition in the book of Qohelet. *Hebrew Union College Annual*, Jerusalém, n. 48, p. 83-106, 1977.

KRÜGER, T. *Qoheleth*. Minneapolis: Fortress Press, 2004. (Hermeneia – a critical and historical commentary on the Bible).

LEAL, J. M.; CASTRO NETO, J. C. C. A eternidade no coração: exegese de Ecclesiastes 3.11. *Revista Hermenêutica*, Cachoeira, v. 16, n. 1, p. 27-42, 2016.

LÍNDEZ, J. V. *Ecclesiastes ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999.

LONGMANN III, T. *The book of Ecclesiastes*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998. (The new international commentary on the Old Testament).

MARTIN-ACHARD, R. *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2015.

MOSKALA, J. A fresh look at two Genesis creation accounts: contradictions? *Andrews University Seminary Studies*, Berrien Springs, v. 49, n. 1, 2011, p. 45-65.

MURPHY, R. E. *Ecclesiastes*. Dallas: Word Books, 1992. (Word Biblical Commentary, v. 23a)

OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PINTO, C. O. C. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento: estruturas e mensagens dos livros do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006.

PONDÉ, L. F. *Contra um mundo melhor: ensaios do afeto*. São Paulo: Leya, 2010.

SCOTT, R. B. Y. *Proverbs and Ecclesiastes: introduction, translation and notes*. New York: Doubleday & Company, 1965. (Anchor Bible Commentary).

SHEA, W. *Estudos selecionados em interpretação profética*. 2. ed. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2007.

SHEAD, A. G. Reading Ecclesiastes 'epilogically'. *Tyndale Bulletin*, Cambridge, UK, v. 48, n. 1, p. 67-91, 1997.

SHIELDS, M. A. Ecclesiastes and the end of wisdom. *Tyndale Bulletin*, Cambridge, UK, v. 50, n. 1, p. 117-139, 1999.

SCHMIDT, W. H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

STEFANOVIC, Z. *Daniel, wisdom to the wise: commentary on the book of Daniel*. Nampa: Pacific Press, 2007.

STUART, Douglas. Antigo Testamento. In: STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de exegese bíblica: antigo e novo testamentos*. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 29-202.

VON RAD, Gerhard. *Wisdom in Israel*. London: SCM Press, 1972.

WALTKE, B. K.; O'CONNOR, M. P. *Introdução à sintaxe do hebraico bíblico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

WHYBRAY, R. N. *Ecclesiastes*. Grand Rapids: William. B. Eerdmans Publishing Company, 1989. (The new century Bible commentary).

WRIGHT, A. G. The riddle of the sphinx: the structure of the book of Qoheleth. *The Catholic Biblical Quarterly*, Washington, DC, v. 30, n. 3, p. 313-334, jul. 1968.

\_\_\_\_\_. The riddle of the sphinx revisited: numerical patterns in the book of Qoheleth. *The Catholic Biblical Quarterly*, Washington, DC, v. 42, n. 1, p. 38-51, jan. 1980.

ZUCK, R. B. Uma teologia dos livros sapienciais e cantares de Salomão. In: ZUCK, R. B. (ed.). *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2009. p. 279-332.